

MUSICOTERAPIA E AUTISMO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

MUSIC THERAPY AND AUTISM: CONTRIBUTIONS TO CHILD DEVELOPMENT



CRISTIANE DA SILVA LOPES

Graduação em Pedagogia pela Faculdade Sumaré (2016); Especialista em Psicopedagogia Clínica, Hospitalar e Educacional pela Faculdade de Tecnologia do Vale de Ivaí (2024); Professora de Educação Infantil – no CEI Angela Maria Fernandes

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento que apresenta manifestações diversas, podendo envolver diferenças na comunicação, na interação social, nos padrões comportamentais, nos interesses e na forma de responder aos estímulos do ambiente. Diante dessa diversidade, torna-se necessário desenvolver práticas que respeitem as singularidades de cada criança e ampliem suas possibilidades de participação, comunicação, aprendizagem e expressão. Nesse contexto, a musicoterapia apresenta-se como uma intervenção que utiliza experiências musicais e a relação terapêutica como recursos para favorecer diferentes dimensões do desenvolvimento. O objetivo deste artigo é analisar as contribuições da musicoterapia para o desenvolvimento infantil de crianças com TEA, considerando tanto os aspectos terapêuticos quanto suas possíveis relações com a educação inclusiva. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, fundamentada em estudos científicos, revisões de literatura e produções acadêmicas relacionadas à musicoterapia, ao autismo e ao desenvolvimento infantil. A literatura analisada apresenta resultados promissores, especialmente em aspectos relacionados à melhora global, qualidade de vida, comunicação, interação e participação, embora ainda existam limitações metodológicas e diferenças entre os estudos. Destaca-se a necessidade de diferenciar a musicoterapia, enquanto intervenção terapêutica especializada, das atividades musicais desenvolvidas no contexto escolar. Conclui-se que a musicoterapia pode constituir importante recurso complementar no acompanhamento de crianças com

TEA, especialmente quando realizada de forma individualizada e integrada a uma perspectiva interdisciplinar. No campo educacional, a música também pode favorecer experiências inclusivas, ampliando oportunidades de interação, expressão e aprendizagem.

Palavras-chave: Musicoterapia; Transtorno do Espectro Autista; Desenvolvimento infantil; Educação inclusiva; Música.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental condition characterized by diverse manifestations, which may involve differences in communication, social interaction, behavioral patterns, interests, and responses to environmental stimuli. Given this diversity, it is necessary to develop practices that respect each child's unique characteristics and expand their possibilities for participation, communication, learning, and expression. In this context, music therapy emerges as an intervention that utilizes musical experiences and the therapeutic relationship as resources to foster various dimensions of development. This article aims to analyze the contributions of music therapy to the development of children with ASD, considering both therapeutic aspects and potential connections to inclusive education. This study is a descriptive, qualitative literature review based on scientific studies, literature reviews, and academic works related to music therapy, autism, and child development. The analyzed literature presents promising results—particularly regarding overall improvement, quality of life, communication, interaction, and participation—although methodological limitations and variations among studies persist. The study highlights the need to distinguish music therapy, as a specialized therapeutic intervention, from musical activities conducted within the school setting. It concludes that music therapy can serve as a valuable complementary resource in supporting children with ASD, especially when implemented in an individualized manner and integrated into an interdisciplinary approach. In the educational sphere, music can also foster inclusive experiences, broadening opportunities for interaction, expression, and learning.

Keywords: Music therapy; Autism Spectrum Disorder; Child development; Inclusive education; Music.

INTRODUÇÃO

A infância constitui um período marcado por intensas transformações e aprendizagens. É durante os primeiros anos de vida que a criança amplia suas formas de comunicação, desenvolve relações sociais, explora o ambiente, constrói conhecimentos e experimenta diferentes maneiras de expressar

sentimentos, interesses e necessidades. Entretanto, o desenvolvimento infantil não ocorre de maneira uniforme, pois cada criança possui características, ritmos e formas próprias de aprender e interagir.

Essa compreensão torna-se especialmente importante quando se trata de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O autismo apresenta manifestações heterogêneas, o que significa que não existe uma única forma de ser ou de desenvolver-se dentro do espectro. Algumas crianças podem utilizar predominantemente a linguagem oral, enquanto outras podem utilizar diferentes formas de comunicação. Algumas demonstram maior facilidade em participar de situações coletivas, enquanto outras necessitam de mediações e adaptações para ampliar sua participação.

Nesse cenário, a busca por estratégias que valorizem as potencialidades da criança e respeitem suas singularidades é fundamental. Entre as possibilidades de intervenção encontra-se a musicoterapia, área que utiliza a música e as experiências musicais como elementos de um processo terapêutico.

A relação entre música e desenvolvimento infantil não é recente. A música está presente em diferentes experiências da infância, nas brincadeiras, cantigas, histórias, movimentos e formas de expressão. No caso de crianças com TEA, entretanto, a experiência musical pode adquirir características específicas quando inserida em um processo musicoterapêutico planejado.

A literatura científica tem investigado os efeitos da musicoterapia em pessoas autistas. A revisão Cochrane de Geretsegger et al. (2022) encontrou evidências de que a musicoterapia provavelmente produz benefícios em aspectos como melhora global, qualidade de vida, embora a certeza das evidências varie conforme o resultado analisado.

Estudos brasileiros também têm discutido as possibilidades da intervenção musical. Dias (2025), em revisão de escopo sobre musicoterapia em crianças com autismo, identificou relatos de melhorias na comunicação e na interação social após as intervenções, inclusive com possíveis repercussões em outros contextos da vida da criança, como casa e escola.

É necessário, contudo, evitar uma compreensão simplista da musicoterapia, a música não deve ser apresentada como uma cura para o autismo, nem como substituta de outras formas de acompanhamento. Seus possíveis benefícios precisam ser compreendidos dentro de um processo individualizado, considerando as características da criança e os objetivos definidos pelo profissional.

Além da dimensão terapêutica, é importante refletir sobre a presença da música no ambiente educacional. Na Educação Infantil, atividades musicais podem favorecer interação, movimento, linguagem, expressão e participação. Entretanto, atividade musical pedagógica e musicoterapia não são sinônimos, a primeira integra o processo educativo; a segunda constitui uma intervenção terapêutica especializada.

Diante desse contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar as contribuições da musicoterapia para o desenvolvimento infantil de crianças com TEA, articulando aspectos relacionados à comunicação,

interação social, cognição, expressão emocional e desenvolvimento sensório-motor com a perspectiva da educação inclusiva.

A relevância deste estudo está relacionada à necessidade de ampliar a compreensão sobre práticas que possam favorecer a participação e a qualidade de vida de crianças autistas, valorizando não somente suas dificuldades, mas também suas possibilidades de expressão, criação e aprendizagem.

MUSICOTERAPIA E AUTISMO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O Transtorno do Espectro Autista está relacionado ao desenvolvimento neurológico e apresenta características que podem afetar a comunicação e a interação social, além da presença de comportamentos, interesses ou atividades restritos e repetitivos. A expressão “espectro” evidencia justamente a diversidade das manifestações.

Essa diversidade precisa ser considerada no planejamento das intervenções, uma prática adequada para determinada criança pode não apresentar os mesmos efeitos para outra, por isso, a individualização constitui um princípio fundamental.

A compreensão contemporânea do autismo também exige superar uma perspectiva exclusivamente centrada no déficit, embora seja necessário reconhecer as dificuldades que podem estar presentes, é igualmente importante identificar habilidades, interesses e formas particulares de comunicação.

A criança autista deve ser compreendida como sujeito de direitos, participante de diferentes espaços sociais e capaz de construir aprendizagens. A intervenção profissional precisa, portanto, buscar ampliar suas possibilidades de participação e autonomia.

No desenvolvimento infantil, comunicação e interação possuem papel central, a criança aprende por meio da relação com pessoas, objetos e ambientes. Para algumas crianças com TEA, determinadas formas convencionais de interação podem apresentar desafios, sendo necessário ampliar as possibilidades de comunicação. Nesse sentido, a música pode oferecer uma forma alternativa de participação, o ritmo, a repetição, as pausas, os movimentos e os sons podem constituir elementos compartilhados entre criança e adulto.

Sampaio, Loureiro e Gomes (2015) discutem a relação entre musicoterapia e autismo a partir de fundamentos das neurociências, destacando possibilidades relacionadas à comunicação não verbal e à interação social. Assim, compreender o desenvolvimento da criança autista implica considerar diferentes formas de expressão, sem estabelecer como único parâmetro o comportamento considerado típico.

MUSICOTERAPIA: CONCEITOS E FUNDAMENTOS

A musicoterapia pode ser compreendida como uma prática terapêutica que utiliza experiências musicais dentro de uma relação profissional planejada. A música, nesse processo, não é apenas um objeto artístico ou recreativo, mas um meio de comunicação, expressão e interação.

As experiências podem envolver canto, improvisação, instrumentos musicais, movimento, escuta, criação e outras possibilidades. A escolha das estratégias depende dos objetivos terapêuticos e das características da pessoa atendida.

Um aspecto fundamental é a relação estabelecida entre terapeuta e criança, o profissional precisa observar as respostas apresentadas durante as experiências musicais, identificando interesses, iniciativas, desconfortos e possibilidades de interação. Essa característica diferencia a musicoterapia de uma simples atividade musical.

Uma criança que participa de uma cantiga na escola está vivenciando uma experiência musical pedagógica, já uma sessão realizada por um musicoterapeuta, com objetivos terapêuticos definidos e acompanhamento profissional, caracteriza-se por outra finalidade.

Essa diferenciação é especialmente importante quando o tema é inclusão escolar. A escola pode utilizar a música como recurso pedagógico sem transformar suas atividades em terapia.

A literatura brasileira demonstra que a música vem sendo estudada como estratégia de cuidado para crianças com TEA. Franzoi et al. (2016) observaram que uma intervenção musical favoreceu experiências lúdicas, sensoriais, motoras, de linguagem e interação.

Portanto, a música pode assumir diferentes funções conforme o contexto, na musicoterapia, integra um processo terapêutico; na escola, pode constituir recurso pedagógico e cultural; em outros espaços, pode estar relacionada ao lazer e à expressão artística.

CONTRIBUIÇÕES DA MUSICOTERAPIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM TEA

A musicoterapia apresenta possibilidades de atuação em diferentes dimensões do desenvolvimento, é importante destacar que essas contribuições não devem ser compreendidas como resultados automáticos e cada criança apresenta necessidades específicas e responde de maneira particular às experiências.

COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM

A comunicação constitui uma das dimensões mais discutidas quando se aborda a relação entre musicoterapia e autismo. A música apresenta uma organização temporal que pode favorecer

experiências de alternância, quando o terapeuta produz determinado som e aguarda uma resposta da criança, estabelece-se uma situação de troca.

Essa troca pode ocorrer por meio da fala, vocalização, gesto, movimento, olhar, instrumento ou outra forma de expressão. Canções conhecidas também podem oferecer previsibilidade, a criança pode antecipar determinado momento da música, realizar um gesto ou produzir um som. A comunicação, portanto, não deve ser reduzida à fala, deve-se valorizar diferentes formas de expressão amplia as possibilidades de participação da criança.

A revisão de Dias (2025) identificou resultados relacionados à comunicação e interação social em diferentes estudos sobre musicoterapia e crianças autistas, embora também tenha apontado limitações na literatura disponível.

Dessa forma, o principal potencial da música nesse campo está na criação de situações comunicativas significativas, respeitando o modo particular como cada criança se expressa.

INTERAÇÃO SOCIAL

A interação social envolve a capacidade de compartilhar experiências com outras pessoas e para algumas crianças com TEA, determinadas situações sociais podem representar desafios.

A experiência musical pode criar um contexto estruturado de encontro e cantar em conjunto, alternar instrumentos ou acompanhar um ritmo são ações que podem favorecer a atenção compartilhada e a percepção do outro.

A atividade musical também permite que o terapeuta acompanhe as iniciativas da criança e quando ela produz determinado som, por exemplo, o profissional pode responder musicalmente e criar uma sequência de troca. Esse processo pode favorecer a compreensão de que a ação de uma pessoa pode produzir uma resposta em outra.

É importante destacar que a musicoterapia não deve ser utilizada para obrigar a criança a estabelecer contato social de determinada maneira, essa proposta deve respeitar seus limites e reconhecer suas formas próprias de interação.

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

As experiências musicais envolvem atenção, memória, percepção e organização temporal e ao acompanhar uma sequência rítmica, a criança precisa perceber mudanças e antecipar acontecimentos e quando repete uma música, pode recordar estruturas anteriormente vivenciadas. Essas experiências podem oferecer oportunidades para o desenvolvimento de determinadas habilidades cognitivas.

Entretanto, não se deve afirmar que qualquer atividade musical produzirá automaticamente melhorias cognitivas generalizadas, os resultados dependem da intervenção, do contexto e das características individuais.

A música pode ser entendida como um meio que oferece experiências estruturadas de atenção, memória e resolução de problemas, especialmente quando os objetivos são planejados de maneira adequada.

EXPRESSÃO EMOCIONAL

Outro aspecto relevante é a possibilidade de expressão. Nem todas as crianças conseguem ou desejam comunicar verbalmente aquilo que sentem, sons, movimentos e escolhas musicais podem constituir formas alternativas de expressão e a música pode proporcionar um ambiente no qual a criança tenha liberdade para experimentar diferentes sons e intensidades.

O profissional deve estar atento às respostas apresentadas pela criança, evitando interpretar automaticamente determinado comportamento como expressão de uma emoção específica e a escuta e a observação são fundamentais. Nesse sentido, a musicoterapia pode favorecer um espaço relacional em que a criança tenha suas manifestações reconhecidas e acolhidas.

ASPECTOS SENSORIAIS E MOTORES

A música envolve estímulos auditivos, visuais e corporais. Instrumentos, movimentos e ritmos podem proporcionar diferentes experiências sensoriais.

Entretanto, a utilização desses recursos deve ser cuidadosa, pois crianças com TEA podem apresentar diferentes formas de processamento sensorial.

O volume do som, a intensidade dos instrumentos e a duração da atividade precisam ser ajustados conforme a resposta da criança.

Do ponto de vista motor, tocar instrumentos, bater palmas, movimentar-se e acompanhar ritmos podem envolver coordenação motora fina e ampla.

Mais importante do que executar corretamente determinado movimento é possibilitar que a criança participe da experiência de acordo com suas possibilidades.

MUSICOTERAPIA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A educação inclusiva pressupõe a construção de condições para que todas as crianças tenham acesso às experiências educativas e possam participar delas.

No caso da criança com TEA, isso significa considerar suas características e criar estratégias que favoreçam comunicação, participação, interação e aprendizagem, sendo assim a música pode ser um recurso importante nesse processo.

A MÚSICA NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A música está profundamente relacionada à cultura infantil, as cantigas, brincadeiras de roda, histórias cantadas e atividades com instrumentos podem integrar o cotidiano da Educação Infantil e essas experiências permitem diferentes formas de participação.

Uma criança pode cantar; outra pode acompanhar com movimentos; outra pode tocar um instrumento; outra pode observar e participar gradualmente. Essa flexibilidade pode ser especialmente importante para uma proposta inclusiva.

O professor pode utilizar músicas para organizar momentos da rotina, introduzir histórias, favorecer movimentos e propor brincadeiras coletivas.

PARTICIPAÇÃO E APRENDIZAGEM

A inclusão não se resume à presença física da criança no ambiente escolar, é necessário criar condições para que ela participe das experiências oferecidas.

A música pode constituir uma ponte entre interesses individuais e experiências coletivas, onde uma criança que demonstra interesse por determinado instrumento pode ser incentivada a utilizá-lo em uma atividade compartilhada. Da mesma forma, músicas conhecidas podem favorecer previsibilidade e participação e a aprendizagem pode ocorrer de diferentes formas e não precisa seguir um único padrão. Nesse sentido, o professor deve observar como cada criança participa e adaptar suas propostas.

RELAÇÃO ENTRE ESCOLA, FAMÍLIA E PROFISSIONAIS

O desenvolvimento da criança ocorre em diferentes contextos. Família, escola e profissionais especializados podem contribuir para sua trajetória. O diálogo entre esses espaços pode favorecer uma compreensão mais ampla das necessidades e potencialidades da criança.

Quando a criança realiza acompanhamento musicoterapêutico, por exemplo, informações gerais sobre suas preferências e formas de participação podem, respeitados os limites éticos e de privacidade, contribuir para o planejamento educacional.

Da mesma forma, o professor pode oferecer informações importantes ao profissional que acompanha a criança, especialmente sobre sua participação no ambiente escolar e essa colaboração não significa confundir as funções profissionais.

MUSICOTERAPIA, MUSICALIZAÇÃO E PRÁTICA PEDAGÓGICA

É fundamental estabelecer uma distinção entre três possibilidades:

A musicoterapia constitui uma intervenção terapêutica especializada.

A musicalização envolve experiências de aproximação com a música, seus elementos e possibilidades de criação.

A atividade musical pedagógica utiliza a música dentro de objetivos educacionais.

Essa diferença evita que qualquer atividade com música seja denominada musicoterapia, sendo assim, o professor pode utilizar músicas para trabalhar linguagem, movimento, literatura, cultura, interação e rotina sem exercer a função de musicoterapeuta.

Ao mesmo tempo, a escola pode dialogar com profissionais especializados quando a criança estiver em acompanhamento terapêutico.

DESAFIOS E LIMITAÇÕES

Embora a literatura apresente resultados promissores, é necessário reconhecer as limitações das evidências científicas.

A revisão Cochrane de Geretsegger et al. (2022) concluiu que a musicoterapia provavelmente produz benefícios em alguns resultados globais, como qualidade de vida, mas classificou a certeza das evidências como variável conforme os desfechos.

Isso significa que não é cientificamente adequado afirmar que a musicoterapia produz os mesmos efeitos para todas as crianças e destaca outro desafio que está relacionado à heterogeneidade das intervenções, onde diferentes estudos utilizam diferentes abordagens, durações, instrumentos e objetivos.

As características das crianças também variam e por esse motivo, novas pesquisas são necessárias para compreender quais estratégias são mais adequadas para diferentes perfis e objetivos.

Outro aspecto importante é a formação profissional. A musicoterapia exige conhecimento específico e não deve ser confundida com a simples utilização da música em atividades recreativas ou pedagógicas.

E no ambiente escolar, também é necessário evitar a ideia de que a música deve ser utilizada exclusivamente para modificar comportamentos considerados inadequados.

A música pode ter valor por si mesma como linguagem artística, cultural e expressiva e com isso uma perspectiva inclusiva deve valorizar a participação da criança e não apenas buscar adequá-la a padrões de comportamento.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo.

A pesquisa bibliográfica foi escolhida por possibilitar a análise e articulação de conhecimentos produzidos anteriormente sobre musicoterapia, Transtorno do Espectro Autista, desenvolvimento infantil e educação inclusiva.

Foram considerados artigos científicos, revisões de literatura e materiais acadêmicos relacionados ao tema, priorizando estudos que discutem a utilização da música e da musicoterapia com crianças autistas.

Entre as fontes utilizadas encontram-se estudos publicados em periódicos científicos nacionais e revisões sistemáticas internacionais. A análise foi realizada de maneira interpretativa, buscando identificar os principais argumentos apresentados pela literatura sobre as contribuições da musicoterapia e, simultaneamente, suas limitações.

A pesquisa não teve como finalidade produzir resultados experimentais, mas reunir e discutir conhecimentos científicos já existentes. A escolha dessa metodologia permite compreender o fenômeno de maneira ampla, articulando a perspectiva terapêutica à dimensão educacional e inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar as contribuições da musicoterapia para o desenvolvimento infantil de crianças com Transtorno do Espectro Autista, articulando aspectos terapêuticos e educacionais.

A análise realizada demonstra que a musicoterapia apresenta potencial para favorecer experiências relacionadas à comunicação, interação social, expressão, participação e desenvolvimento em diferentes dimensões.

A música possui características que podem ser particularmente relevantes nesse contexto, como ritmo, repetição, previsibilidade e possibilidade de improvisação. Esses elementos permitem construir experiências compartilhadas entre criança e profissional.

Entretanto, os resultados científicos não devem ser interpretados como evidência de que a musicoterapia produz os mesmos efeitos em todas as crianças. A literatura apresenta resultados promissores, mas também limitações metodológicas e diferentes níveis de certeza das evidências. Por isso, é fundamental considerar a individualidade de cada criança, suas preferências, formas de comunicação, necessidades e interesses.

No contexto educacional, a música também apresenta grande potencial inclusivo, onde as atividades musicais podem favorecer participação, interação, linguagem, movimento e expressão. Porém, é necessário diferenciar essas práticas da musicoterapia profissional.

A escola possui papel essencial na construção de experiências acessíveis e significativas em que o professor pode utilizar a música como recurso pedagógico sem assumir atribuições terapêuticas.

A aproximação entre escola, família e profissionais especializados podem ampliar a compreensão sobre a criança e contribuir para ações mais articuladas.

Conclui-se, portanto, que a musicoterapia pode constituir uma importante intervenção complementar para crianças com TEA, especialmente quando realizada por profissional qualificado, com objetivos individualizados e integrada a uma perspectiva interdisciplinar.

Mais do que buscar corrigir características do autismo, é necessário construir oportunidades para que a criança se comunique, participe, crie e estabeleça relações.

Nesse sentido, a música pode representar um importante caminho de expressão e encontro e que seu valor não está somente nos possíveis efeitos terapêuticos, mas também na possibilidade de reconhecer a criança como sujeito capaz de produzir sentidos, estabelecer relações e participar ativamente de experiências sociais e educativas.

REFERÊNCIAS

DIAS, Nelizabete Alves da Silva. **O efeito da musicoterapia em crianças com autismo: uma revisão de escopo**. *Psicologia em Estudo*, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/YW8LMV3PPZbm8pZJVCMSBQk/>.

FRANZOI, Mariana André Honorato et al. **Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial**. *Texto & Contexto - Enfermagem*, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/XYSRFmZdj4CKVpyfv87QcHn/>.

GERETSEGGER, Martin et al. **Music therapy for autistic people**. *Cochrane Database of Systematic Reviews*, 2022. Disponível em: https://www.cochrane.org/evidence/CD004381_music-therapy-autistic-people.

SAMPAIO, Renato Tocantins; LOUREIRO, Cybelle Maria Veiga; GOMES, Cristiano Mauro Assis. **A musicoterapia e o Transtorno do Espectro do Autismo: uma abordagem clínico-musical**. *Per Musi*, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pm/a/zhKMfm3Q5VJ5dGfQYtD9gBC/>.